

Sexta-feira da terceira semana da Quaresma. 28 de março de 2014

Queridos irmãos,

Ao ouvir a primeira leitura de hoje podemos repetir: Senhor, não há entre os deuses nenhum que se possa comparar contigo. Na verdade, és o único e tão grande, que perdoas nossos pecados e inventaste, para ser nossa força e alimento, o admirável milagre da Eucaristia. Batamos às portas de seu coração para obter a misericórdia e o perdão de nosso Deus.

Na primeira leitura, o profeta Oseias faz-nos um ardente convite à conversão. O caminho de volta a Deus começa com o reconhecimento das próprias culpas e, através das desventuras, Israel descobre em Deus a fonte de todo bem. O profeta apresenta-nos a culpa do povo de Deus, não tanto como uma violação das sagradas tradições do passado, mas como *um negar-se a encontrar a Deus nos acontecimentos cotidianos, negar-se a ver a Deus na história*. Assim, a conversão adquire um significado particular: não se trata de abluções rituais, ou de formalidades exteriores, mas de entrar em nosso interior e fazer calar o próprio orgulho e descobrir os vestígios de Deus, que se manifestam nos acontecimentos da vida ordinária. Esta visão de Deus como fonte que a tudo vivifica, permitirá ao homem conseguir a aproveitamento correto dos bens e recursos humanos.

Dessa forma, *a conversão é a atitude fundamental do crente solidário com o mundo*. Deve-se dizer que a conversão de Israel não é muito desinteressada. Volta ao Senhor porque só Ele lhe garante a felicidade e a abundância. É uma mentalidade que pode desembocar na moral da retribuição e do mérito. É possível pensar, então, na recompensa prometida às boas obras. Afirmar que uma ação é recompensada significa simplesmente que o momento presente sempre tem uma dimensão histórica, nada é indiferente, tudo faz parte de um devir guiado pela iniciativa e providência de Deus.

- Evangelho

A pergunta do escriba não parece mal-intencionada. Não era fácil determinar qual fosse o mandamento mais importante no emaranhado de preceitos e proibições que os doutores da lei criaram e que eles mesmos classificavam de graves e leves. *Com sua resposta, Jesus reconduz a lei à sua função original: propiciar o encontro de Deus com os homens, destes entre si e com Deus, e sempre no amor*. O comentário do escriba contém uma interessante coloração litúrgica: culto e vida não são duas realidades independentes e ambas se resolvem no amor. Não só a vida pode adquirir valor de liturgia, mas também a liturgia engloba a vida e se converte em “liturgia da vida”.

Eu acredito que foi muito fácil para Jesus responder à pergunta do escriba. Estava muito claro na lei de Moisés. Por outro lado, a idolatria e a injustiça eram os pecados evidenciados constantemente pelos profetas. A incoerência entre a lei e a prática era o pecado do povo de Israel. E eu creio que continua a ser o pecado do cristão e do religioso também em nosso tempo.

Há quanto tempo escutamos isso de dar a primazia a Deus na vida religiosa? Que a santidade dos membros é o primeiro objetivo posto por Dom Bosco para a Sociedade de S. Francisco de Sales? Quantas vezes constatamos a esterilidade das atividades que não nascem da união com Deus? Entretanto, vez ou outra precisamos confessar-nos, pessoal e institucionalmente de um ativismo que nos estressa e esvazia espiritualmente.

O que nos está faltando? P. Viganò dizia: “passar do papel à vida”. P. Vecchi: “falta-nos mentalidade de projeto”. Sabemos que a santidade é dom de Deus, mas também sabemos que é preciso vontade decidida e esforço perseverante. Se não programarmos seriamente o nosso trabalho espiritual, jamais alcançaremos as metas desejadas. A Estreia deste ano é um convite a “apropriar-nos da experiência espiritual de Dom Bosco”. Nos Exercícios, éramos convidados a fazer da santidade tanto o nosso programa pessoal de vida, como o programa para a animação e o governo. Sem dúvida, este é o verdadeiro modo de preparar o Bicentenário do nascimento de Dom Bosco.

Por outro lado, levamos ao menos doze anos a falar da comunidade como profecia de comunhão. O relatório do Reitor-Mor e as nove páginas de saudação do Card. Braz, manifestam que a “fraternidade” – o amor ao próximo – continua a ser um desafio para a vida consagrada e um dos aspectos a se levar em conta se quisermos viver o Evangelho e o próprio carisma com radicalidade.

Sabemos que a vida consagrada deve ser profecia de fraternidade e nos queixamos quando nossas comunidades não são como nós queremos. Este é um tema que preocupa e inquieta. Fica sempre mais claro que a vida comunitária é muito mais do que compartilhar o mesmo teto ou a mesma mesa ou a mesma regra de vida. Não somos voluntários de uma organização internacional, nem hóspedes mais ou menos satisfeitos em nossas casas. Temos fome de comunidades que sejam como espaços verdes onde se respira o ar de Deus e de humanidade, lugares de encontro e amizade, de acolhida e apoio, de crescimento, serenidade e festa. Sente-se a necessidade de pessoas com as quais compartilhar a nossa fé, a nossa razão de ser e trabalhar, o que pensamos e experimentamos, nossos problemas e esperanças. Está claro o que pedimos das comunidades; mas o que cada um de nós está disposto a dar à própria comunidade? Kennedy dizia aos americanos: “não pensem tanto no que a América pode fazer por vocês; pensem no que vocês podem fazer pela América”. Porque a comunidade é o resultado daquilo que cada um investe nela.

Queridos irmãos, decidamo-nos a investir o melhor de nós mesmos na própria comunidade: respeito, aceitação, interesse e valorização de cada irmão, especialmente do mais frágil; informação, diálogo e comunicação; delicadeza, serviço e disponibilidade; misericórdia e perdão sem o que jamais uma relação humana é duradoura. Poderemos superar, então, as funções estabelecidas pelo trabalho e manifestar e gozar da riqueza da vida religiosa, salesiana e comunitária. *“O que não é comunitário, embora seja santo, não é salesiano”* (P. Viganò).

Continuemos nossa eucaristia. No momento em que cada um de nós sentir a necessidade de dar graças a Deus pelo seu amor gratuito, deve sentir também a necessidade de unir-se a todos os homens os quais aceitamos como irmãos em Cristo. A ação de graças implica a participação fraterna no mesmo pão e exige, também necessariamente, o impulso missionário como expressão suprema do amor a Deus e a todos os homens.

D. Filiberto Rodriguez
Superiore: Visitatoria Angola